

# Práticas laboratoriais no ensino do jornalismo: o caso do Urbi@Orbi e os desafios da convergências mediática

## **Anabela Gradim**

Universidade da Beira Interior/LabCom.IFP  
anabela.gradim@labcom.ubi.pt

## **Ricardo Morais**

Universidade da Beira Interior/LabCom.IFP  
ricardo.morais@labcom.ubi.pt

“We are indeed in a new communication realm, and ultimately in a new medium, whose backbone is made of computer networks, whose language is digital, and whose senders are globally distributed and globally interactive”

Manuel Castells

## **Resumo**

Reflectir sobre o ensino do jornalismo no contexto actual de profunda mudança do campo jornalístico, afectado por alterações económicas e políticas, alterações tecnológicas, de mercado, e das condições de produção, é o propósito deste trabalho. Faze-mo-lo a partir de um inquérito lançado junto de actuais e antigos alunos de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, onde a prática do jornalismo a partir do seu laboratório de inovação de conteúdos online se vem desenvolvendo há mais de 16 anos. Deste estudo exploratório concluímos que o futuro do jornalismo passa pela reafirmação do campo (Bourdieu); pela profissionalização dos seus agentes (Schudson); pelo domínio das novas ferramentas tecnológicas; pela experimentação, tanto quanto possível, dos contratos tácitos que regem a profissão (Polanyi); e pela preservação da especificidade dos valores do jornalismo enquanto “disciplina de veridicção” (Kovach & Rosenstiel).

**Palavras-chave:** Ensino do jornalismo; campo jornalístico; profissionalização dos jornalistas; convergência mediática; valores do jornalismo.

## **Abstract**

Reflecting on the teaching of journalism in the current context of profound change in the journalistic field, affected by economic and political changes, technological changes, market changes, and new production processes, is the purpose of this work. Our departing point is a survey launched with current and former students of Communication Sciences at University of Beira Interior, where the practice of journalism in its online content innovation laboratory has been developing for more than 16 years. From this exploratory study we conclude that if journalism is to have a future, it will have to claim the reaffirmation of the field (Bourdieu); the

professionalization of its agents (Schudson); the mastery of new technological tools; experimenting, as far as possible, with the tacit contracts governing the profession (Polanyi); and, mostly, it will have to preserve the specificity of journalism's values as a "discipline of veridiction" (Kovach & Rosenstiel).

**Keywords:** Journalism teaching; journalistic field,; professionalization; media convergence; journalistic values.

## Introdução

O jornalismo, que permaneceu conceptualmente estável por mais de um século (McQuail, 2002) foi uma das profissões mais afectadas pela revolução tecnológica das últimas duas décadas. Alterações económicas e políticas, alterações tecnológicas, de mercado, e das condições de produção determinaram novos e ainda incertos modelos de negócio, a reconfiguração das audiências, novas plataformas e linguagens, num ecossistema de perfil muito volátil e gerador de grande ansiedade em toda a cadeia de produção e distribuição. Na confluência destes fenómenos, de que é produto, mas também espelho e conceito, o jornalismo continua em busca de um lugar que abarque a diversidade destes desafios e pacifique as suas práticas.

Prever como será o futuro da profissão deixou de ser tarefa exequível no novo ecossistema mediático, mas cabe à Academia, se o jornalismo for tomado a sério (Zelizer, 2004), pensar estas mudanças e o impacto que deverão ter no currículo e ensino do jornalismo.

Para a Academia, que deverá pensar a evolução do campo não apenas no seu aspecto conjuntural, este quadro de instabilidade e crise pode ser perspectivado simultaneamente como um tempo de desafios e de oportunidades para uma reflexão sobre os caminhos na formação de jornalistas, de que o primeiro será a afirmação epistemológica do campo (Pierre Bourdieu, 1985, 1996) e da profissionalização dos seus agentes (Schudson, 1995, 2003; Tuchman, 1972, 1980), demarcando as suas especificidades de "*essential food supply of our democracy*" (Jones, 2009). O desafio seguinte será abraçar a convergência dos meios e a consequente reconfiguração das redações, traduzindo-o num ensino do jornalismo que deverá fazer com que os estudantes possam experimentar algumas destas mudanças em ambiente académico.

A UBI destaca-se nesta circunstância a partir do papel pioneiro do seu laboratório de inovação em jornalismo online, permitindo aos seus alunos não só uma simulação da realidade jornalística, mas igualmente a possibilidade de conhecer o terreno mutável onde decorre a sua prática, o conhecimento tácito de que fala Michael Polanyi (1966), ou o currículo oculto de Santomé (1995), e que desde o início identificamos como uma vantagem competitiva na sua formação.

É dentro deste contexto que o presente trabalho toma por objeto o Urbi@Orbi (www.urbi.ubi.pt), projeto de ciberjornalismo académico com 16 anos, criado no âmbito do Curso de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior, e a partir de um inquérito lançado junto de atuais e antigos estudantes de Comunicação da Universidade da Beira Interior, procura apurar a percepção destes sobre o perfil de um currículo para o ensino do jornalismo centrado na convergência de meios e nos dispositivos móveis.

### **A juventude de um campo em crise**

O jornalismo constitui um campo relativamente recente, muito jovem ainda,<sup>31</sup> e já em grave crise, a última e mais espetacular conduzida pela disrupção tecnológica induzida pelas tecnologias digitais de comunicação e informação que em meados dos anos 90 começaram a chegar às redações dos jornais, provocando mutações sociais e produtivas cujo impacto poucos teriam então antecipado.

Denis McQuail (2009) atribui cinco características aos meios de comunicação de massas clássicos: produção centralizada de conteúdo com disseminação unidirecional; organização segundo uma lógica de mercado; conteúdos padronizados sujeitos a controle político e normativo; audiências massificadas e anónimas; *ethos* de credibilidade com origem no prestígio das fontes, monopólio de canais, instantaneidade da receção e profissionalismo da organização.

Muitos destes aspectos do universo clássico dos mass media estão em processo de violenta reconfiguração por via do aparecimento das redes e dos meios digitais, gerando o que Castells apelidou de auto-comunicação de massas (*mass self communication*):

"A difusão da Internet, das comunicações móveis, dos meios digitais e de uma variedade de ferramentas de software social tem impulsionado o desenvolvimento de redes horizontais de comunicação interativa que conectam o local e global no tempo escolhido. O sistema de comunicação da sociedade industrial centrava-se nos meios de comunicação de massa, caracterizados pela distribuição em massa de uma mensagem unidireccional de um para muitos. A base da comunicação da sociedade em rede é a teia global de redes de comunicação horizontais que incluem a troca multimodal de mensagens interativas de muitos para muitos, tanto síncronas como assíncronas" (Castells, 2007: 246).

Não se pode falar do fim da comunicação de massas, que contemplaria a implosão do velho paradigma, mas não há como negar que os *old media* repensam a sua abordagem junto das audiências, incorporam elementos de interatividade e personalização, ao mesmo tempo que são forçados a reconfigurar a sua relação com o mercado e os tradicionais modelos de negócio. E no entanto, o processo de reconfiguração em curso, de que emerge o novo ecossistema mediático, não alterou ainda substancialmente nenhum dos pressupostos do papel dos media nas sociedades ocidentais, nomeadamente o seu papel na formação da opinião

---

31 McQuail (2002), que seguimos, atribui-lhe pouco mais de um século, fazendo-o coincidir com a emergência da imprensa moderna e dos media de massas.

pública, e o seu peso no fortalecimento da cidadania e dos processos de deliberação democrática (Correia, 2006; Correia, 2011; Schudson, 2010; Serra, 2007).

Mas é o jornalismo um campo em crise? Bourdieu (1985; 2002) caracteriza um campo social como um espaço interacional multi-dimensional, simbólico, homogêneo, e autónomo. Para esta "topologia social" a sociedade é representada como um espaço de múltiplas dimensões, onde os agentes se definem pelas suas posições relativas nesse espaço, e pelas relações de poder que estabelecem entre si. Pode então ser descrito como "um campo de forças, ie, um conjunto de relações de poder objectivas que se impõem a todos os que entram no campo e são irredutíveis às intenções do indivíduo" (Pierre Bourdieu, 1985: 724). Os campos emergem por um processo de diferenciação, cultivando a sua autonomia em relação aos outros campos através da luta e de trocas simbólicas, e regendo-se por regras tácitas que contribuem para a sua coesão e reconhecimento. Os princípios de construção do campo são os diferentes tipos de poder ou capital que este mobiliza, essencialmente capital económico, capital social, capital cultural e capital simbólico" – *ethos*, em sentido aristotélico (idem, 724). Entre as suas propriedades contam-se "serem espaços de posições estruturados" obedecendo a "leis gerais de funcionamento", "interesses específicos" e com "sujeitos com conhecimento das leis imanentes do jogo", "técnicas, referências e crenças" que produzem e são produzidas pelo campo (Bourdieu, 2002: 119).

Em "*Sobre a Televisão*" Bourdieu dedica um capítulo ao campo jornalístico, sob a perspectiva da influência que os seus mecanismos peculiares de autonomia exercem sobre os outros campos: cultural, artístico, literário, científico, etc. Nessa obra Bourdieu atribui-lhe as seguintes qualidades: transporta, desde o século XIX, uma lógica interna de oposição entre publicação "sensacionalista" e "de referência"; é extraordinariamente sensível aos veredictos do mercado (audiência), cuja importância aumenta à medida que se sobe na hierarquia das empresas; a disputa por audiências toma a forma de uma concorrência pela prioridade (cacha) tendendo a "colocar toda a prática jornalística sob o signo da velocidade (ou da precipitação) e da renovação permanente. Disposições incessantemente reforçadas pela própria temporalidade da prática jornalística que (...) favorece uma espécie de amnésia permanente" (Pierre Bourdieu, 1996: 107); a concorrência exerce-se sob o signo da vigilância/imitação favorecendo a uniformidade da oferta (*idem*) – e estas características acabam impactando todos os outros campos, com tanta mais força quanto estes estiverem igualmente próximos ou dependentes de lógicas de mercado.

A conceptualização do campo jornalístico como uma realidade moldada por relações simbólicas e de poder internas e externas, como propõe Bourdieu, ajuda a perceber a importância da profissionalização da classe e os combates por legitimação que se jogam no seio desta, pela delimitação e reconhecimento interno e externo do campo.

## **A profissionalização do jornalismo**

Schudson trabalhou a relação entre a profissionalização dos jornalistas e a emergência do campo, defendendo que esta é essencialmente suportada pela “ideologia profissional” da objectividade e da capacidade de investigar e reportar os factos, que emergiu lentamente a partir da criação da imprensa de massas nos Estados Unidos (Schudson, 2003, 2009). Embora com outro enfoque, na mesma esteira podem ser lidos os trabalhos de Gaye Tuchman (1972, 1980) e Tod Gitlin (1980): a profissionalização dos jornalistas, construída sobre um conjunto de saberes que estes dominam é um dos principais elementos de delimitação do campo e das suas práticas. Tradicionalmente, o jornalismo define-se por contraste com outros discursos quer a partir dos valores que proclama, quer pela forma imediatamente reconhecível dos seus produtos.

## **A Academia na definição do campo**

Os estudos em comunicação estão desde a origem ligados ao treino profissional dos jornalistas.

“De facto, foram estes a porta de entrada para o ensino da comunicação na universidade, sendo que as demais áreas tradicionalmente associadas às Ciências da Comunicação, como a Publicidade e as Relações Públicas, só posteriormente e por arrasto seriam integradas na academia, robustecendo a área” (Gradim, 2014).

O seu ensino em escolas data de finais do século XIX, mas a primeira escola da área verdadeiramente relevante, a Columbia Graduate School of Journalism abre em 1912, permanecendo em atividade até hoje, e constituindo a única escola de jornalismo da Ivy League americana”. Já em Portugal os estudos superiores de Comunicação e Jornalismo chegaram tardiamente à Academia, pois Salazar sempre terá visto com desconfiança as tentativas de valorizar e dignificar academicamente uma profissão que temia depois não poder controlar (Gradim, 2014).

Assim, só em 1979 surge a primeira Licenciatura em Comunicação Social num estabelecimento de ensino público, a Universidade Nova de Lisboa. Fundado por Adriano Duarte Rodrigues, o curso valorizava as componentes histórico-filosóficas, linguística, sociológica e tecnológica, com um tronco comum e opções nas áreas de jornalismo, relações públicas e audiovisual nos últimos anos (Teixeira, 2012). Em 1989, na Universidade da Beira Interior é criada a licenciatura em Comunicação Social, que posteriormente adopta a designação de Ciências da Comunicação, dando origem a um mestrado com o mesmo nome em 1995.

## **O conhecimento tácito nas redações**

É neste quadro que perspectivamos o papel do ensino do jornalismo: englobando a transmissão dos conhecimentos teóricos e das competências práticas implicadas na modelação

do campo, como meio para a sua reprodução e legitimação. Essas competências são formais, mas também em grande medida informais, compreendendo parte daquilo que Bourdieu definiu como *habitus*.<sup>32</sup> Também a integração do sujeito num campo não opera por um contrato explícito, mas pelo reconhecimento implícito ou tácito das vantagens dessa pertença, que o farão aceitar e dominar a utilização das regras que o definem (*illusio*), e que são condição de possibilidade do seu funcionamento (Aa.Vv, 1999; Grenfell, 2008).

Michael Polanyi, em *Personal Knowledge* (1962), mas sobretudo *The Tacit Dimension* (1966) lança os fundamentos teóricos para aquilo que apelida de “conhecimento tácito”, e que opõe ao conhecimento explícito, caracterizando-o a partir do seguinte aforismo: “we can know more than we can tell”, sendo que “a maioria deste conhecimento não pode ser verbalizado” (Polanyi, 1966: 4).<sup>33</sup> Um dos muitos exemplos que dá é a capacidade de reconhecermos a face de alguém, ou as emoções nela expressas: fazemo-lo, mas não conseguimos verbalizar o processo.<sup>34</sup> A estrutura fenomenal do conhecimento tácito envolve pelo menos dois termos, aquilo que é experienciado fisicamente e pode ser reconhecido apenas a nível subliminar (*proximal*), e as associações e conhecimento formado a partir da atenção ao primeiro termo (*distal*). “É do primeiro termo que temos um conhecimento que poderemos não conseguir verbalizar” (*idem*: 10). Polanyi acaba por sugerir, *a fortiori*, que **todo o conhecimento** radica no conhecimento tácito. Isto inclui ofícios, competências, modos de executar acções, mas também o conhecimento científico.<sup>35</sup>

*Tacit knowledge* então é algo que é conhecido e transferido de modo não verbal no interior de uma comunidade de práticas, partindo primeiro de uma percepção encarnada (*embodied*) do que é conhecido, e depois da construção e arranjo desse conhecimento em conhecimento tácito que pode ser expresso em ações e competências (Zmyslony, 2010). O conhecimento tácito parte do primeiro termo para o segundo “atingindo uma integração dos particulares numa entidade coerente que é aquilo a que prestamos atenção. Como não atendemos aos particulares em si, não conseguimos identificá-los” (Polanyi, 1966: 18), e consequentemente, nem verbalizá-los nem comunicá-los explicitamente. Essa transmissão dá-se como que por “osmose”, e a partir do contacto e da interação regulares dentro da comunidade.<sup>36</sup>

No campo das Ciências da Educação Sacristán Lucas (1987) e Torres Santomé (1995) retomam o conceito de *hidden curriculum*, termo cunhado pela primeira vez por Philip Jackson,

---

32 “... sistema de disposiciones adquiridas por medio del aprendizaje implícito o explícito que (...) genera estrategias que pueden estar objetivamente conformes con los intereses objetivos de sus autores sin haber sido concebidas expresamente con este fin” (Pierre Bourdieu, 2002: 125).

33 Coloco de lado a discussão sobre os aspectos de teoria da ciência, teoria do conhecimento e ontologia que o conhecimento tácito na obra de Polanyi pode englobar, como de resto anuncia ser sua intenção. logo no início da obra: “My search has led me to a novel idea of human knowledge from which a harmonious view of thought and existence, rooted in the universe, seems to emerge” (Polanyi, 1966).

34 “We recognize the moods of the human face, without being able to tell, except quite vaguely, by what signs we know it” (*idem*).

35 “Our body is the ultimate instrument of all our external knowledge, whether intellectual or practical” (*idem*, p. 15).

36 Não será por coincidência que a metáfora preferida por jornalistas para falar da misteriosa transmissão dos inefáveis “valores-notícia” é precisamente a osmose.

na sua obra *Life in Classrooms* em 1968. Este Currículo Oculto designa os conhecimentos, lições, valores e perspectivas que, inadvertidamente, os estudantes apreendem na sua experiência escolar, mesmo que deles não tenham consciência explícita. Esta aprendizagem implícita de mensagens, práticas sociais e culturais, e ideologias latentes contrapõe-se ao Currículo Explícito que é ensinado em sala de aula, e pode não ser menos importante do que este na influência que tem sobre os sujeitos, encontrando-se intimamente relacionado às funções de coesão e reprodução social.

A criação do Urbi@Orbi há 16 anos atrás tinha por objectivo tanto proporcionar um espaço/laboratório de aprendizagem das competências técnicas específicas da profissão (pesquisa, recolha e tratamento da informação segundo padrões jornalísticos), como fornecer um primeiro contacto com os contratos implícitos da profissão jornalística, especialmente, por serem os mais facilmente replicáveis, os que se prendem com o relacionamento com as fontes. Assim, já em 2000 se escrevia na introdução ao livro de estilo do jornal:

“São suficientes nos jornais as folhas ou livros de estilo porque os jovens estagiários que os integram são imediatamente socializados, por jornalistas experientes, nas práticas comuns à profissão e na cultura da empresa (...) [um ] cimento ideológico (...), um cabedal de experiência acumulado, uma cultura própria que possa ser distribuída equitativamente pelos recém-chegados” (Gradim, 2000).

Naturalmente, cada redação terá a sua diferente pragmática, muito específica, e até excessiva, num ambiente que pode ser de alta pressão – mas a experiência deste trabalho desenvolvido com os alunos, que também se aplica às fontes, é uma primeira aproximação a esse mundo que reputamos de valiosa, e o *feed-back* dos estudantes a esse respeito não menos importante.

## **O ensino do jornalismo segundo os estudantes**

Refletir seriamente sobre o futuro do ensino do jornalismo implica escutar todos os atores envolvidos, não em termos de número, mas do papel que cada um assume no sistema de ensino-aprendizagem. Foi nesse sentido que para este trabalho decidimos questionar atuais e antigos alunos da Licenciatura em Ciências da Comunicação, e do Mestrado em Jornalismo na Universidade da Beira Interior.

Para o efeito criou-se um questionário, que procurava, seguindo a linha adotada por alguns estudos internacionais como o trabalho de Howard I Finberg e Lauren Klinger para o *The Poynter Institute for Media Studies*, sobre as “*Core Skills for the Future of Journalism*” (Finberg & Klinger, 2014), recolher dados sobre as competências e conhecimentos que os estudantes consideram determinantes para o exercício profissional do jornalismo no futuro. Aproveitámos a oportunidade para os questionar também sobre o ensino que tiveram, sobre o que gostavam que mudasse e como encaram as transformações que afetaram e continuam a afetar o jornalismo.

Obtivemos um conjunto de respostas muito interessante para uma reflexão sobre o ensino do jornalismo neste início de século, obrigação que é tanto da academia quanto dos antigos alunos, atuais profissionais, e futuros jornalistas.

Esta dimensão que privilegiámos no questionário, com a inquirição quer de antigos, quer de atuais alunos é extremamente relevante pois permite tirar ilações sobre a evolução do ensino do jornalismo na instituição, nomeadamente através daquelas que têm sido as práticas laboratoriais adotadas há vários anos. É igualmente interessante na medida em que para uns a opinião resulta apenas da sua experiência académica, enquanto que para outros é já o resultado de uma prática mais ou menos profissional, tenha esta sido obtida num estágio ou já no decurso do trabalho num órgão de comunicação propriamente dito.

Não abordaremos, no contexto deste trabalho, todos os dados recolhidos, mas vamos considerar apenas as questões em que a opinião manifestada tem diretamente a ver com o ensino do jornalismo, ou, por outro lado, com a influência das novas tecnologias no fazer jornalístico. As respostas que apresentamos devem ser entendidas como uma base de trabalho, à qual devemos juntar outros dados, nomeadamente opiniões de profissionais e docentes da área, mas sem a qual não podemos efetivamente pensar o futuro da profissão.

Com um número de respostas reduzido, os resultados não podem ser extrapolados para outras experiências académicas, até porque dizem apenas respeito a uma amostra de estudantes de jornalismo da Universidade da Beira Interior. Mas este é um primeiro estudo exploratório de um trabalho ao qual pretendemos dar seguimento com a recolha de dados junto de estudantes de outras universidades.

### **Caracterização da amostra**

Em termos de caracterização da amostra, o elemento comum entre todos os inquiridos é o facto de frequentarem ou terem frequentado a Licenciatura em Ciências da Comunicação na Universidade da Beira Interior. O caminho que seguiram após completarem o primeiro ciclo de estudos não é comum a todos, até porque apenas 69% dos inquiridos decidiu seguir para mestrado (52% desses avançou para um segundo ciclo de estudos na UBI).<sup>37</sup>

Apesar das opções tomadas, conseguimos distinguir de forma clara em relação a que ciclo de estudos se referem as respostas. Introduzimos uma questão que permite precisamente conhecer o caminho seguido ao nível do mestrado e dessa forma perceber sobre que experiência académica recai a opinião dos estudantes.

No total, obtivemos 102 respostas de alunos validadas. Desta centena de alunos tivemos respostas por 73,5% de elementos do sexo feminino e 26,5% do sexo masculino, uma divisão que segue a tendência quanto ao número de colocados nos cursos de comunicação e jornalismo, na sua maioria mulheres.

---

37 A percentagem de alunos que decidiu continuar para um ciclo de estudos fora da UBI, fê-lo nas seguintes instituições de ensino superior: Escola Superior de Comunicação Social (ESCS), Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), Universidade Nova de Lisboa (UNL), Universidade do Minho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) e Universidade do Algarve.

No que diz respeito à idade dos estudantes que responderam ao questionário, esta varia entre os 19 e os 36 anos, o que permite desde logo perceber que obtivemos respostas de jovens estudantes, ainda a frequentar o primeiro ciclo de estudos, mas também de antigos alunos, alguns dos quais terminaram a sua licenciatura em 2006<sup>38</sup>. A média de idades dos inquiridos situa-se, no entanto, nos 24 anos.

Entre os inquiridos destacam-se três grupos: o mais numeroso é o dos que tem uma licenciatura (33%), seguido do grupo dos estudantes que possuem um mestrado na área (26%)<sup>39</sup>. O terceiro grupo que agrega maior número de respostas é o dos estudantes que estão neste momento a concluir o mestrado (23%).

Uma das dimensões mais importantes nesta caracterização da amostra tem a ver com a indicação por parte dos inquiridos acerca de potenciais experiências profissionais na área. Apesar de já termos percebido que a maioria dos inquiridos já concluiu os seus estudos, esse facto não é garantia de que tenham tido contacto direto com o meio profissional.

As respostas dos inquiridos indicam que 62% já teve uma experiência profissional na área desde que terminou a formação, considerada aqui de forma genérica, ou seja, licenciatura ou mestrado. Importa, no entanto, perceber qual a formação dos estudantes que já teve esta experiência e sobretudo de que natureza foi essa experiência. Os estudantes com mestrado são os que em maior número tiveram uma experiência profissional (de um total de 26%, 24% já teve uma experiência na área). Seguem-se os alunos que estão no último ano de mestrado, como aqueles que já tiveram uma experiência profissional na área (de um total de 23%, 16% já teve uma experiência na área). Por fim surgem os que têm uma licenciatura (de um total de 33%, 17% já teve uma experiência).

Em termos de natureza da experiência, os estágios surgem como a experiência que o maior número de inquiridos indica (56%), seguido das respostas que apontam no sentido de indivíduos que já trabalharam a full-time na área (25%). Neste sentido é interessante verificar que sendo os estágios hoje parte integrante da formação dos alunos, é sobretudo entre os estudantes que estão a terminar o mestrado que encontramos o maior número de respostas a indicar que a experiência foi precisamente enquanto estagiário. Por sua vez são os estudantes que concluíram o mestrado aqueles que mais tiveram experiências de trabalho a full-time, reforçando a importância que os segundos ciclos de estudo adquiriram, sobretudo com a implementação do processo de Bolonha.

---

38 Entre os inquiridos a maior percentagem é a dos que terminaram licenciatura em 2016 (19,6%), seguindo-se os que terminaram em 2015 (17,6%) e em 2014 (17,6%). O terceiro maior grupo de estudantes que respondeu ao questionário terminou em 2007 (10,8%).

39 Entre os que detêm um mestrado na área destaque para três anos que apresentam percentagem iguais (4,9%) em termos de número de alunos que concluíram o segundo ciclo de estudos, 2010, 2012 e 2015.

## Jornalismo(s) no novo ecossistema mediático

Terminada esta breve caracterização da amostra inquirida, avançamos para as respostas dadas a um conjunto de perguntas que consideramos centrais no contexto deste trabalho.

**Figura 1: Principais desafios que o jornalismo e os seus profissionais enfrentam**

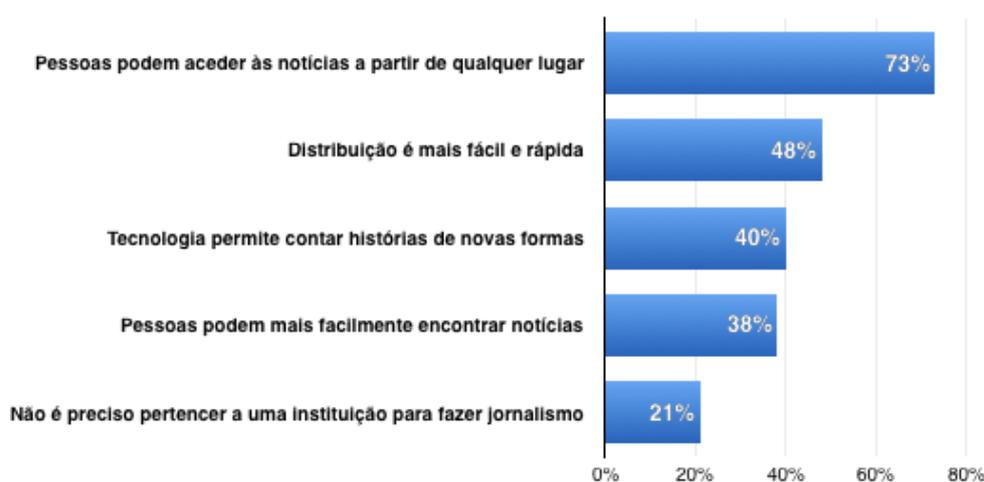


Começamos por uma questão mais geral, mas que nos fornece indicações relativamente às perceções dos inquiridos relativamente aos principais desafios que o jornalismo e os seus profissionais enfrentam hoje em dia. O desafio indicado pelos inquiridos como sendo o maior e, por conseguinte, o mais importante com que o jornalismo e jornalistas têm de conviver é a circulação de informações falsas na Internet (resposta dada por 42% dos inquiridos), seguido de perto pela ideia de que os donos dos meios de comunicação estão demasiados preocupados com os lucros (41%) e a necessidade dos meios de comunicação tradicionais se adaptarem mais rapidamente à tecnologia (39%).

Realçamos desde logo a preocupação dos inquiridos com a questão das fontes na era digital, mas focamos o que no âmbito deste trabalho nos parece mais significativo, a questão da adaptação dos meios de comunicação às tecnologias (indicada sobretudo por inquiridos com mestrado (15%) e licenciatura (15%); no caso dos primeiros, resultado em grande parte da experiência profissional na área). Este aspeto é particularmente interessante quando resulta da perceção de futuros profissionais da área e parece-nos que enfatiza a importância de um ensino voltado cada vez mais para competências na área do digital, sem, no entanto, ignorar os princípios básicos da verificação de informação que aliás ficam bem patentes no principal desafio indicado pelos inquiridos (desafio que aliás resulta de uma tendência de respostas homogénea entre os diferentes grupos de inquiridos).

Na sequência das respostas a esta pergunta, consideramos de seguida as opiniões relativamente aos benefícios que a tecnologia trouxe para o jornalismo. Verificamos então que a mobilidade, o facto de as pessoas poderem aceder às notícias a partir de qualquer lugar é indicado pela maioria dos inquiridos (73%) como a principal mais valia introduzida pela tecnologia. Segue-se o facto da distribuição ser mais fácil e rápida (resposta indicada em primeiro lugar por 48% dos inquiridos). Já o terceiro aspeto mais indicado é o facto da tecnologia permitir contar histórias de novas formas (40% de respostas) seguido de perto pela ideia das pessoas poderem encontrar mais facilmente as notícias (indicado por 38% dos inquiridos como primeiro benefício introduzido pela tecnologia).

**Figura 2: Maiores benefícios que a tecnologia trouxe para o jornalismo**



Parece-nos que estes resultados não deixam dúvidas e apontam precisamente na direção que pretendemos realçar neste artigo, ou seja, a de que o acesso à informação se transformou por completo em virtude do consumo ser hoje feito em múltiplos dispositivos, numa lógica de mobilidade e conectividade permanente; mas também que a forma como se transmite a informação mudou radicalmente com as novas tecnologias e é por isso necessário saber relatar os factos dessa maneira, nomeadamente com recurso à convergência mediática que destacamos neste trabalho. O acesso mais fácil às notícias tem a ver também com estas novas formas de produção e circulação e fecha de certa forma uma série de aspetos centrais para o futuro do ensino do jornalismo.

Para percebermos efetivamente a opinião dos inquiridos sobre o ensino do jornalismo, colocámos também no inquérito duas questões muito concretas. Pretendíamos saber, junto de atuais e antigos alunos, se consideram que o ensino do jornalismo tem acompanhado as mudanças que se têm registado no ecossistema dos meios de comunicação, e também se, por outro lado, tem acompanhado as mudanças que se fazem sentir no meio profissional. Apesar de semelhantes as perguntas diferenciam-se na última parte, porque o meio profissional não

incorporou ainda algumas das transformações mais profundas que têm afetado o ecossistema mediático.

No que diz respeito ao acompanhamento das mudanças que se têm registado no ecossistema dos meios de comunicação, os inquiridos dividem-se na maioria entre as duas primeiras categorias de resposta, ou seja, concordam por completo que existe um acompanhamento das tendências (11%) ou concordam simplesmente (45%). Destacamos, no entanto, que 35% das respostas surgem na hipótese intermédia da escala (Não concordo/Nem discordo), o que no fundo não revela mais do que dúvidas sobre a efetividade desse acompanhamento por parte do ensino.

Já na questão seguinte, que realça o contexto mais particular do ensino do jornalismo acompanhar as mudanças sentidas no meio profissional, aumentam as dúvidas e diminui a concordância com a ideia. Para 42% dos inquiridos não é evidente essa aproximação e por isso as respostas ficam na categoria central da escala (Não concordo/Nem discordo). Há no entanto 6% de inquiridos que não têm qualquer dúvida quanto ao acompanhamento feito por parte do ensino, ideia que 41% também apoia. Neste caso é interessante verificar que são os inquiridos que já tiveram experiências profissionais e em particular os que já trabalharam ou trabalham em full-time, que menos assumem uma posição de concordância ou discordância.

A questão do ensino é central neste trabalho e colocámos por isso mais uma questão que foca esta dimensão tão importante para um jornalista. Conscientes de que existem de facto diferenças entre a realidade da formação académica e do mercado de trabalho, questionámos os atuais e antigos alunos sobre se deviam ser adotados novos modelos e formas de ensinar o jornalismo que preparassem melhor os alunos para o mercado de trabalho.

A maioria das respostas (79%) aponta no sentido de ser necessária uma mudança ao nível do ensino, como forma de garantir que os alunos saem melhor preparados para o mercado de trabalho (54% concorda totalmente com a necessidade de uma reformulação, 25% manifesta apenas concordância). Apesar de sabermos de antemão que a formação académica apenas pode simular parte dos contextos que os estudantes vão encontrar no mundo do trabalho, a verdade é que as respostas dos inquiridos indicam de forma clara a necessidade de se repensar o ensino do jornalismo à luz do novo ecossistema mediático.

### **Práticas laboratoriais e novas tecnologias**

Estes dados suportam assim a ideia que defendemos neste trabalho, ou seja, que as práticas laboratoriais são fundamentais para o ensino do jornalismo e que é necessário continuar a repensar os seus modelos, tendo em conta as mudanças que afetaram o jornalismo. Apenas dessa forma será possível que os estudantes continuem, no ambiente académico, a experimentar uma realidade simulada, mas aproximada do que encontrarão mais tarde em contexto laboral. É também neste sentido que vão as respostas dos inquiridos que de

forma livre, em questões de resposta aberta, manifestaram a sua opinião no final do inquérito aplicado. Há opiniões muito distintas, a começar por críticas fortes sobre o trabalho que tem sido feito ao nível do ensino.

*"Tendo em conta toda a formação académica que recebi acho que os cursos de jornalismo estão mais do que desatualizados! É necessária uma reformulação urgente para se adaptarem às novas necessidades dos meios de comunicação. Num mundo centrado nas novas tecnologias é lamentável que os cursos de Jornalismo e Ciências da Comunicação não preparem os seus alunos nessas áreas".*

Para alguns inquiridos há de facto necessidade de mudanças no ensino porque o processo jornalístico, nomeadamente a produção, edição, circulação e consumo, também se alteraram por completo.

*"O Jornalismo está mudado não podemos negar isso. E o ensino académico penso que tem estado a acompanhar essa mudança, se não estiver está a formar pessoas que não atingirão objetivos quando saírem para o mercado de trabalho. E está a cometer um grave erro. Pelo menos na Faculdade que frequentei verifiquei esse acompanhamento, penso que esteve adequado às mudanças e aos desafios que a informação hoje exige. Para além dos conhecimentos teóricos os alunos devem ser alertados para o lado mais laboral, em todos os meios: imprensa, rádio, televisão e online. As competências dos profissionais passam por uma convergência e isso também é necessário perceber. As redes sociais são também uma forma de entender e aceitar que o jornalismo hoje circula de forma fugaz e o papel da verificação terá que ser assegurado. Este parece-me um dos maiores desafios. Depois a nível académico devem-se criar programas de ensino adequados a essas mudanças. Desse modo penso que os alunos sairão mais beneficiados".*

Adequar os programas de ensino é um dos aspetos mais referidos pelos inquiridos, que destacam nalguns casos a necessidade de uma simulação mais aproximada da realidade.

*"São necessárias mais unidades curriculares que coloquem os alunos em situações de simulação quase fiel da atividade de jornalista. Tem sido feito um esforço pelas universidades em tornar o ensino mais prático, mas os resultados ainda são residuais".*

A parte mais prática reclamada pelos estudantes é recorrente, mas parece-nos que adquire na atualidade um carácter distinto, mais focado em novas competências que podem ser determinantes para o futuro destes profissionais.

*"Atualmente, o exercício do jornalismo exige uma maior variedade de competências, não basta saber selecionar e escrever é necessário dominar a comunicação e os seus múltiplos canais. O ensino do jornalismo, por mais que promova o domínio de outras ferramentas, ainda não as vê como essenciais. O design, por exemplo, é extremamente valorizado no jornalismo multiplataforma por fazer a mesma função do lead no jornalismo impresso: ele chama a atenção e atrai o público. Mesmo assim, é pouco explorado. Não sou a favor de unidades curriculares que se dediquem apenas a*

*uma ferramenta, o mais certo seria a introdução dessas competências em diversas unidades para se complementarem”.*

## **Reflexões finais**

Estas são apenas algumas das opiniões manifestadas pelos inquiridos e que surgem no seguimento do que defendemos anteriormente: necessidade de demarcação do campo, profissionalização dos seus agentes, e domínio dos conceitos e ferramentas do novo ecossistema mediático como via para a profissionalização do jornalista. Nítido nestas respostas é que também reforçam a ideia de que as práticas laboratoriais são determinantes para a prática profissional. E esse tem sido desde há mais de uma década o caminho seguido no curso de comunicação da Universidade da Beira Interior, e é por isso que o Urbi@Orbi ([www.urbi.ubi.pt](http://www.urbi.ubi.pt)) continua a ser um meio muito importante na preparação dos alunos sendo fundamental, periodicamente, refletir sobre a sua evolução e a forma como vem acompanhando o campo, quer a nível conceptual, quer em termos de inovação tecnológica.

Ambos os domínios fervilham de novidades, muitas das quais perecerão não resistindo à prova do mercado; outras tantas permanecerão, e algumas mudarão radicalmente a face do jornalismo. É essa a razão por que perseguindo a academia a inovação, não é desejável seguir e adoptar toda e cada uma das novidades, mas procurar ter uma visão estratégica do conjunto. E isso significa em primeiro lugar separar a conceptualização do jornalismo das ferramentas e meios por que circula neste início de milénio.

Podemos reconduzir as críticas mais sonoras dos estudantes a este segundo aspecto (treino de ferramentas), quando é precisamente em relação ao primeiro que se colocam os maiores desafios: aceleração, colonização do jornalismo por outros meios (redes sociais à cabeça), dissolução do campo, emergência de meios para-jornalísticos predatórios, inversão do *agenda-setting*, dificuldades no *fact-checking* e verificação, perda do *ethos* jornalístico, iliteracia mediática dos públicos, entre muitos, muitos outros – ou seja, aqueles para os quais nem académicos, nem empresários, nem jornalistas, nem estudantes têm resposta. Esses são os verdadeiros desafios da convergência – não tecnológicos, não de operatividade dos meios – mas de manutenção dos “elementos do jornalismo” no verdadeiro borrão,<sup>40</sup> massa informe e indistinta em que a comunicação mediatizada contemporânea transformou a imensidade de informação circulante, jornalismo incluído. Ora um bom ensino tem de saber criar *awareness* nesta dimensão, que é decisiva se o jornalismo quer ter futuro.

## **Referências bibliográficas**

Aa.Vv. (1999) *Bourdieu, a Critical Reader* (R. Shusterman Ed.). Oxford, UK, Blackwell Publishers.

BOURDIEU, Pierre (1985) *The Social Space and the Genesis of Groups*. *Theory and Society*,

---

<sup>40</sup> *Blur - How to Know What's True in the Age of Information Overload* é precisamente o título da última obra de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, referindo-se a esta realidade (Kovach & Rosenstiel, 2011).

14(6), 723-744.

BOURDIEU, Pierre (1996) Sobre a televisão, seguido de A Influência do Jornalismo e Os Jogos Olímpicos (M. L. Machado, Trans.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

BOURDIEU, Pierre (2002) Campo de Poder, Campo Intelectual. Itinerario de un Concepto. Tucumán (Argentina), Editorial Montessor.

CASTELLS, M. (2007) Communication, power and counter-power in the network society. *International Journal of Communication*, 1(1), 29.

CORREIA, Fernando (2006) Jornalismo, Grupos Económicos e Democracia. Lisboa, Editorial Caminho.

CORREIA, João Carlos (2011) O Admirável Mundo das Notícias – Teorias e Métodos. Covilhã, Labcom Books.

FINBERG, Howard I. & KLINGER, Lauren (2014) Core skills for the future of journalism, The Poynter Institute for Media Studies. Disponível em: <https://www.surveymonkey.com/s/PoynterCoreSkills>. Consultado em: 25 Junho de 2016.

GITLIN, Todd (1980) *The whole world is watching: Mass media in the making & unmaking of the new left*, Univ of California Press.

GRADIM, Anabela (2000) *Manual de jornalismo*, Covilhã, Universidade da Beira Interior/Livros Labcom.

GRADIM, Anabela (2014) *Géneros Jornalísticos: Programa, Conteúdo e Métodos. Relatório de Agregação*. [Relatório sobre uma unidade curricular apresentado na Universidade da Beira Interior, em cumprimento do disposto na alínea b) do artigo 5o do Decreto-Lei no 239/2007 de 19 de Junho]. Covilhã.

GRENFELL, Michael (2008) *Pierre Bourdieu: Key Concepts*, Durham, Acumen.

JONES, Alex (2009) *Losing the news - The future of the news that feeds democracy*, New York, Oxford University Press.

KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom (2011) *Blur: How to know what's true in the age of information overload*, Bloomsbury Publishing USA.

LUCAS, Ana Sacristán (1987) *Currículum oculto y discurso ideológico*, Madrid, Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura.

MCQUAIL, Denis (2002) The future of communication theory, In J. B. d. Miranda & J. F. d. Silveira (Eds.), *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século*, Lisboa, Editorial Vega.

MCQUAIL, Denis (2009) *McQuail's reader in mass communication theory*, Sage.

MORAIS, Ricardo & Sousa, João Carlos (2012) Jornalismo regional e redes sociais: entre as novas oportunidades de participação e a apatia participativa, *Cuadernos de Información* (30), 21-30.

POLANYI, Michael (1962) *Personal Knowledge*, London, Routledge & Kegan Paul.

POLANYI, Michael (1966) *The tacit dimension*, Chicago and London, The University of Chicago Press.

SANTOMÉ, Jurjo Torres (1995), *O curriculum oculto*. Porto, Porto Editora.

SCHUDSON, Michael (1995) *The power of news*, Cambridge, Harvard University Press.

SCHUDSON, Michael (2003) *The Sociology of News*, New York, Norton & Company.

SCHUDSON, Michael (2009) Objectivity, Professionalism and Truth Seeking in Journalism. In K. Wahl-Joergensen, & Hanitzsch, Thomas (Ed.), *The Handbook of Journalism Studies*. New York: Taylor & Francis, Routledge

SCHUDSON, Michael (2010) *Cidadania e jornalismo*, Lisboa, FLAD - Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

SERRA, Joaquim Paulo (2007) *Manual da Teoria da Comunicação*, Covilhã, Labcom - Universidade da Beira Interior.

TEIXEIRA, Patricia Oliveira (2012) O ensino do jornalismo em Portugal: breve história e panorama curricular, ao virar da primeira década do século XXI, *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 9(2).

TUCHMAN, Gaye (1972) Objectivity as strategic ritual: An examination of newsmen's notions of objectivity, *American journal of sociology*, 77(4), 660-679.

TUCHMAN, Gaye (1980) *Making news: A study in the construction of reality*, New York, Free Press - Simon & Schuster.

ZELIZER, Barbie (2004) *Taking journalism seriously: News and the academy*, Sage Publications.

ZMYSLONY, Iwo (2010) Various ideas of tacit knowledge - Is there a basic one? In T. Margitai (Ed.), *Knowing and being: perspectives on the philosophy of Michael Polanyi* (pp. 30-50), Newcastle, Cambridge Scholars.